



FACULDADE CALAFIORI

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA PRODUÇÃO DE
TEXTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CLÁUDIA DINIZ AMORIM DE CAMPOS

ORIENTADOR: PROF^o. ADILSON VIEIRA DE PÁDUA.

**São Sebastião do Paraíso - MG
2011**

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

CLÁUDIA DINIZ AMORIM DE CAMPOS

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori,
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.
Orientador: Prof. Adilson Vieira de Pádua.

**São Sebastião do Paraíso - MG
2011**

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer-nos outros – não importa se alfabetizados ou participantes de cursos universitários; se alunos das escolas de primeiro grau ou se membros da assembléia popular – o direito de dizer sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca.

Paulo Freire

DEDICATÓRIA

A meus filhos, Rúbia Mara, Raíssa Cristina e Renan Augusto, que são o motivo, o orgulho, e a razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois me deu forças e capacidade até o Último dia desta jornada.

A meus pais pelo apoio e colaboração.

Aos meus filhos que souberam controlar a minha ausência com muita responsabilidade e paciência.

Ao professor Adilson Vieira de Pádua, pelo carinho como professor e orientador.

Aos professores, coordenadores, funcionários e direção desta instituição, pois são profissionais, companheiros e amigos e fazem desta instituição um ambiente familiar.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.....	11
2.1	Escola, Lugar Privilegiado para o Contato com os Livros.....	12
2.2	O Professor e a Leitura.....	15
2.3	Leitura e Escrita Sempre Caminham Juntas.....	17
2.4	Ler para Escrever.....	20
2.5	A Linguagem e sua Contribuição no Processo de Leitura e Escrita.....	22
3	PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DE TEXTO.....	25
4	A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA.....	30
4.1	O Desenvolvimento da Leitura e Escrita.....	35
4.2	Disfunções de Linguagem Oral e Escrita em Sala de Aula.....	36
4.3	A Aquisição da Linguagem Escrita no Ensino Fundamental.....	39
4.4	Leitura e Escrita: Uma Concepção de Aprendizagem na Criança.....	40
4.5	A Concepção da Leitura-Escrita Vista pelo Ângulo da Criança.....	41
4.6	A Postura Construtivista Frente ao Ensino da Leitura e Escrita.....	43
5	SUGESTÕES PARA DESENVOLVER A LEITURA E ESCRITA.....	45
	CONCLUSÃO.....	50
	BIBLIOGRAFIA.....	51

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade ressaltar a importância da leitura e produção de texto, pois é através da leitura que se realiza o processo de transmissão e aquisição da cultura de forma mais dinâmica e expressiva, apresentando teorias básicas para desenvolver competências necessárias a uma boa comunicação e expressão além de compreender a leitura como procedimento privilegiado para conhecer, informar, divertir, posicionar e escrever melhor. Também, sanar a exigência da sociedade que é a de maior capacidade de comunicação e expressão do homem em geral, pois a linguagem e a escrita são elementos importantes para o desenvolvimento intelectual de cada um. Mostrou-se também a função da língua portuguesa que é de aperfeiçoar competências e tornar o educando um leitor seguro para melhor compreender, interpretar, criticar, descobrir seus direitos enquanto cidadão e assim entender o mundo que o cerca, esclarecendo que a leitura é fundamental para a escrita, pois é ainda uma das fontes mais ricas de informação e nos ensina os mecanismos da língua escrita fornecendo idéias que nos ajudam na tarefa de escrever. Destacou-se também a importância do professor ao propiciar situações nos quais os alunos desenvolvam o gosto de ler, expressar e escrever, para que eles próprios descubram a escrita como uma das formas de comunicação e expressão de idéias. Por fim, relatou-se a importância do uso da linguagem oral e escrita, uma vez que elas tornam possível a comunicação, a troca de idéias, experiências, emoções e sentimentos, ao mesmo tempo em que possibilitam a criação de valores proporcionando assim diferentes formas de construir a vida.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Produção de texto

ABSTRACT

This work aims at stating the importance of reading and text production as it is through reading that the transmission and acquisition of culture occurs in more dynamic and expressive way, presenting basic theories for the development of communication competences besides understanding reading as a privileged procedure for obtaining knowledge and information, entertaining, taking positions and writing better. Also, to solve society's need of men with greater ability of communication and expression, as language and writing are important elements for the intellectual development of each one. To attract attention to Portuguese teaching as a way to developed competences and help the student become a confident reader in order to better understand, interpret, criticize, and know his rights as a citizen so that this way he understands the world the lives in. Clarifying that reading is of fundamental importance for writing, because it is one of the richest sources of information that exists and it teaches us the written language system by providing us with ideas which helps us in the writing work. To emphasize the importance of the importance of the teacher in providing students with situations in which they find pleasure in reading, expressing themselves and writing, so that they, by themselves, find writing as one of the ways of communication and expression of their own ideas. To register the importance of oral and written language use once they make communication, exchange of ideas, experiences, feelings and emotions possible, and at the same time provide the opportunity of growing values and finding different ways of building life.

Keywords: Reading. Writing. Production text

1- INTRODUÇÃO

É através da leitura que se realiza o processo de transmissão e aquisição da cultura de forma mais dinâmica e expressiva, por esse motivo atribuímos à leitura papel indispensável. Pensando assim, devemos inculcar em nossos educandos esse hábito, lembrando sempre que é preciso ler, ler e ler muito.

Leitura é interpretação, conhecimento e estudo, quem não sabe ler, não saberá escrever, resumir, tomar apontamentos e não sabe também estudar.

Quem lê amplia e desenvolve certos conhecimentos, abre caminhos para grandes percursos e não devemos confundir leitura com decodificação de sinais gráficos, pois muitos encaram a leitura como um processo e não se concentram na análise e compreensão do texto.

Aprender a ler exige postura crítica, sistemática e intelectual que só se adquirem com o hábito e prática.

Cabe ao leitor, diferenciar a leitura crítica ou cultural da leitura realizada por necessidade de saber, sendo assim, é necessário sentir vontade de aprender e saber onde encontrar, para que possa também escrever bem.

O homem tem experiências, sentimentos, imaginação e tudo isso exige comunicação, e indo além, a sociedade atual exige maior capacidade de comunicação para sua participação afetiva.

A linguagem e a escrita são elementos importantes para o desenvolvimento intelectual e para a capacidade de escrever que cada um tem, e isso vai depender do ambiente no qual o indivíduo está inserido.

O contato com bons livros e cultivar o hábito de leitura contribui para o aumento da capacidade de interpretar, raciocinar, imaginar, expressar, falar e

automaticamente de escrever do indivíduo, e essa capacidade textual depende da leitura como exercício constante.

Leitura e escrita devem seguir juntas, integradas uma a outra e a todas as disciplinas.

A diversidade contribui para o fortalecimento do ensino e preparo do educando que assim como qualquer indivíduo tem vários gostos de leitura.

Formar cidadãos espontâneos deve ser uma de nossas preocupações enquanto educadores e faremos isso mostrando ao aluno seu poder de criar algo novo, aumentando assim sua auto confiança e seu senso crítico.

Pensando nisso, este estudo tem intenção de apresentar, embasado em pesquisa bibliográfica, teorias e técnicas básicas para desenvolver competências necessárias a uma boa comunicação, expressão e registro além de compreender a leitura como procedimento privilegiado para conhecer, informar, divertir, posicionar, emocionar e escrever melhor, pelo fato da leitura e da produção de texto serem interdependentes, além de distinguirem as inúmeras possibilidades de expressão que a língua apresenta, sendo capaz de utilizá-las da forma mais adequada, ao falar e, principalmente ao escrever, escolhendo os materiais como: jornais, livros, revistas, entre outros, identificando-os como instrumentos valiosos para o desenvolvimento cultural.

O estudo em questão justifica-se pela necessidade de melhor compreensão da leitura para a elaboração de textos, dada a sua complexidade e importância no cotidiano escolar e na sociedade atual.

CAPÍTULO 2

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Hoje em dia, não é possível viver sem saber ler. A conquista da habilidade de leitura é um dos primeiros passos para a assimilação dos valores da sociedade, considerando que a sociedade moderna está cercada por todos os tipos de informes escritos. A preocupação, atualmente, está localizada na qualidade do leitor e escritor, que constitui a base para que o indivíduo possa atuar de maneira funcional na sociedade.

[...] Considera-se que, através do texto literário, o pensar, o sentir e o criar da criança tem seu desenvolvimento máximo. É na infância que se adquire o gosto pela leitura e bem se pode imaginar as imensas possibilidades e a fundamental importância da leitura infantil no desencadeamento desse processo, como reforço às áreas afetivas, criativas e cognitivas. (COSTA, p. 339, 2006)

Desenvolver a compreensão leitora por meio da literatura é o caminho mais indicado, mas o aluno deve ter as condições requeridas, orientações adequadas, com professores preparados e grande entusiasmo para o trabalho, a fim de desenvolver sua motivação.

Sempre que algo lhe é imposto, a criança não se mostra curiosa em aperfeiçoar o instrumento que a atormenta. Mas, fazendo com que este sirva a seus prazeres, ela se entregará à tarefa, sem que o adulto tenha de intervir. (COSTA, 2006)

Assim no ensino da leitura, é necessário respeitar o ritmo e os interesses das crianças. Este respeito não é algo abstrato e estéril; ao contrário, deve ser traduzido em ações junto a elas.

Por meio da literatura, a criança vive, revive, conta a história de novo para si mesma. Nesse movimento, vai desenvolvendo a imaginação e o próprio discurso. Ganha uma arma para acertar na vida, porque é dona da palavra; adquire um instrumento para firmar-se como sujeito pensante, criativo e capaz de modificar a realidade, criticá-la e enfrenta-la; conquista seu espaço e desenvolve a capacidade de ser respeitado (ZILBERMAN & SILVA *apud* COSTA, 2006).

2.1 Escola, Lugar Privilegiado para o Contato com os Livros

A leitura exerce um poder muito grande em nossas vidas e a escola é um lugar privilegiado para estimular o gosto pela leitura. Porém, as salas de aula brasileiras estão longe de ser “celeiros de leitores”, isso porque o contato de estudantes com os livros seguem rumos inadequados. Costuma-se indicar alguns títulos, quase sempre clássicos que depois acabam por virar conteúdo avaliativo, com algumas perguntas de interpretação de texto e só. O que era para ser uma experiência desafiadora, acaba por ser uma tarefa burocrática e sem graça.

Pesquisas indicam que 45% da população não lê nenhum exemplar por ano, dentre as causas: “Não ter interesse” e Ter dificuldade”.

Mas é possível mudar esse quadro, os estudantes, acima de tudo, têm de gostar de ler, e é a escola que vai dar acesso as obras e ensinar os “comportamentos leitores” a entrar na aventura como personagens, comentar sobre o enredo, buscar textos semelhantes, conhecer mais sobre o autor, trocar indicações literárias. Tudo pelo prazer que a literatura proporciona, de nos levar a outros lugares e épocas, percurso que geralmente começa na escola.

O professor deve buscar meios para que os alunos encantem pela leitura e amplie seu repertório.

“Quando existe um espaço para discutir as leituras, com a possibilidade de inúmeras interpretações, começamos a desenvolver a curiosidade e desejo de ir além” (RUBALCABA, 2010, p. 49)

É nas salas de Educação Infantil que o professor deve garantir o contato com as obras e apresentar diversos gêneros às crianças pequenas, é o que concordam os especialistas num país como o Brasil. A importância de crianças na primeira infância de manusear obras, encantar-se com as ilustrações e começar a descobrir o mundo das letras é que elas vão desenvolver o gosto pela leitura. Ao ver um adulto lendo, ou ouvindo uma história contada por ele também vai causar interesse pelo mundo das palavras. “Contar histórias ajuda a formar leitores, pois todo mundo que lê teve alguém que primeiro lhe contou uma história”. Para vários fonoaudiólogos a voz é importante para qualquer pessoa, “Ela é nossa identidade”. Em oficinas de leitura trabalha-se a voz, o olhar, a postura, pois há vários recursos que devem ser postos em prática quando se conta uma história. Um dos primeiros passos para formar bons leitores é fazê-los descobrir o prazer de ler.

Observar os livros em uma prateleira, escolher um deles, sentar-se numa poltrona, ou melhor; deixar-se escolher por uma obra literária e à medida que se passam as páginas o leitor vê-se transportado por uma série de realidades, repleto de descobertas, deparando-se com um mundo novo, com encantamentos, e diversões. Não importa se quem lê é criança, jovem ou adulto ou se o que se lê é poesia, romance ou fábulas, o que realmente importa é a cumplicidade entre o leitor e a obra, alicerçada no prazer que só a leitura é capaz de proporcionar.

Ler por prazer é muito importante, pois quem descobre o prazer numa obra literária nunca mais para de ler. Ao terminar um livro já está louco para iniciar outro e assim por diante.

O interesse é a pedra de toque do processo, do prazer e da utilidade da leitura. É o gerador de toda a atividade voluntária do homem. O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura e sim várias motivações e interesses, que correspondem a sua personalidade e a seu desenvolvimento intelectual. (SMITH *apud* BAMBERG, 1995).

A maioria das pessoas lêem apenas para se informar, dedicando-se apenas algumas horas do seu precioso tempo a jornais, revistas. Isto o faz um apaixonado pela palavra escrita, não pela leitura.

A escola tem papel fundamental na formação de bons leitores, pois quem melhor que o professor para fazer despertar em seus alunos o prazer pela leitura?

São muitas atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula com esse objetivo como, promover um debate, por exemplo, para discutir cenas ou situações presentes num livro que acaba de ser lido pela turma.

Segundo a escritora de livros infantis Tatiana Belinky, ao perguntar a um pediatra em meados de 1940, com que idade deveria começar a educar seu filho então com 3 meses de idade, ela ouviu como resposta “Você já está atrasada”. Parecia mera frase de efeito, mas o doutor na época tinha estava coberto de razão. Não há idade para dar início à educação de uma criança, e isso vale também para o incentivo à leitura. Bebês podem não entender o enredo de uma história, mas a leitura em voz alta coloca contato com outras dimensões das linguagens oral e escrita, que serão importantes em seu desenvolvimento. “Eles percebem que a fala do dia-a-dia é diferente daquela usada numa leitura, que tem cadência, ritmo e emoção. Entendem que há um começo, um clímax e um desfecho”, explica Frauleim Vidigal de Paula, doutora em Psicologia Escolar.

Estimular a leitura dentro do berçário, com bebês que ainda não aprenderam a falar pode ser o caminho mais curto para a formação de um futuro leitor. Manuseando um livro, eles são capazes de identificar a existência da grafia e passar a estabelecer uma relação direta com a linguagem escrita.

Educadores apostam em fazer despertar o interesse pela leitura nas crianças através do poder das relações familiares incentivando os pais a lerem para os filhos, porque o gosto pela leitura também passa pela afetividade.

A leitura de um livro não pode encerrar-se nela mesma. Se a criança demonstra curiosidade, deve-se oferecer outro título.

Ler é importante por que:

- contos de fadas representam conflitos universais e ajudam na formação da personalidade. A criança interpreta a simbologia contida nessas histórias de acordo com suas vivências.
- Textos com estrutura de repetição costumam ser muito apreciados pelas crianças. São fáceis de memorizar e possibilita a identificação das palavras repetidas, o que é importante para a alfabetização.
- A leitura diária ajuda a familiarizar a criança com o mundo da escrita.
- Com o poder de reflexão mais apurado, o adolescente usa o livro para ampliar a capacidade crítica não apenas em relação à obra, mas também às questões do mundo. (RIBEIRO, 2008)

2.2 O Professor e a Leitura

Existem várias estratégias para motivar seus alunos no poderoso mundo da leitura, que instrui, educa, nutre o imaginário e ensina a olhar o mundo e as pessoas de maneira diferenciada.

A partir de 1990, um dos assuntos pedagógicos que ganharam importância e extensão foi a leitura. Professores, sociólogos, jornalistas, psicólogos, psicanalistas e historiadores dedicam-se a estudar os diversos aspectos e sujeitos envolvidos com leitura, textos e leitores. Várias pesquisas têm constatado a indigência dos níveis de leitura no Brasil, seja no que se refere à quantidade de livros, lidos no período de um ano, seja nas dificuldades de interpretação e compreensão de textos, seja na obsessiva procura de informação facilitada via rádio, TV e internet, em detrimento da leitura de jornais e revistas, por exemplo.

Em resultados mais graves pesquisas detectam que grande número de pessoas que passaram pelo processo de escolarização e permaneceram sem atualização ou exercício de leitura e escrita involuíram no conhecimento, perderam sua capacidade de ler, compreender e escrever, constituindo o que se considera hoje, analfabeto funcional, isto é, que mal sabe redigir um bilhete ou entender um texto simples e curto como uma frase.

A partir de 1986 dá-se início na escola brasileira a discussão a respeito de letramento, em inglês *Literacy* e que concebe a relação entre os sujeitos e a língua sob a ótica de práticas sociais. [...] Há um processo de historicização e ideologização que constitui a linguagem e que se manifesta em todas as ocasiões em que se usa a língua, seja para falar, seja para escrever, seja para interpretar. Essa concepção de usuários da língua inseridos em história, ideológica e prática social cotidiana confere à leitura uma importância capital pois vincula indissoluvelmente linguagem, tempo, textos e valores.

Ler passa a representar, portanto, a afirmação do sujeito, de sua história como produtor de linguagem e de sua singularização como interprete. É esse reconhecimento do valor e mérito da subjetividade e das comunidades interpretativas que alicerça a relação com a cidadania.

A escola, ao formar leitores, capacita-os, portanto, ao exercício cada vez mais pleno da cidadania (COSTA, 2006, p. 8).

Cabe à escola favorecer o desenvolvimento das competências específicas da leitura. Desde a educação infantil, o contato com livros e textos multidisciplinares e em várias linguagens é indispensável.

Conviver com diferentes gêneros textuais aguça a capacidade de distingui-los e entender seu funcionamento. Essa tarefa de graduar esses textos é atribuído ao professor.

O professor deve atuar como mediador, portanto, ele precisa ser um leitor competente, conhecendo acervos e dominando estratégias de trabalho com inumeráveis e infinitos textos da cultura.

Quanto mais alunos e professores executarem a compreensão abrangente e diversificada dos textos, mais completa será a formação do leitor, e tanto mais preparada estará a comunidade escolar para viver a cidadania.

É exigente a leitura de textos verbais impressos. A alfabetização não garante o bom desempenho do estudante, pois os textos cumprem papéis sociais que, senão levados em contas, tendem a deixar incompleta a compreensão.

A linguagem fragmentadas de cartilhas e livros para alfabetizar demonstra o restrito papel desse tipo de texto: serve apenas para ensinar a tecnologia do alfabeto.

Todo leitor atua com informações, conhecimentos, experiências de leitura e de vida, predisposições e sensações específicas ao se defrontar com o trabalho de ler e ele executa essa função sem muita consciência de toda essa complexidade.

O aluno interpreta um texto com o seu poder de interpretação, cabe ao professor como mediador, aumentar o poder de seu aluno sobre essa interpretação. Portanto, exercícios de leitura compartilhada permitem a troca de descobertas, o aprofundamento da compreensão do texto e o reforço do exercício de leitura porque se aprende a ler lendo e observando como os outros leitores lidam com os textos e produzem sentidos.

As atividades exploratórias, conhecidas pelos professores após a leitura cuidados do texto, em especial aquelas que traduzem o verbal para outras linguagens, como a ilustração, o teatro, a fotografia, a música, o cinema, os quadrinhos, vem acentuar que toda atividade de tradução produz outro texto, e essa experiência tem comprovado que, em alguns casos, foge do texto original dando a oportunidade da construção de textos próprios.

2.3 Leitura e Escrita Sempre Caminham Juntas

“Qualquer pessoa consegue escrever, desde que tente para valer”. (Nilson Souza)

A língua Portuguesa tem função de aperfeiçoar competências comunicativas que tornam o educando um leitor seguro e um autor competente de textos orais e escritos adequados à situação e a realidade.

O aluno pode através da leitura, compreender, interpretar, criticar, descobrir seus direitos enquanto cidadão, e sendo assim, entender o mundo que o cerca, sendo capaz de através da leitura, praticar sua expressão na escrita quando lhe é solicitado, um bilhete, uma carta, ou até mesmo um artigo, redação ou outra forma de apresentação escrita.

Escrever para muitos é tarefa muito árdua, pois na maioria das vezes poucos são os alunos que têm familiaridade com o assunto e esse problema se reflete principalmente nos vestibulares, onde a redação é tomada como fundamental para o ingresso do aluno nas faculdades.

Escrever faz parte do cotidiano de qualquer empresa, e hoje, com a internet, se tornou imprescindível saber expressar de forma clara, correta e com precisão.

Para que o aluno aprenda, necessitamos enquanto educadores saber quem é nosso aluno e o que ele já sabe.

Incentivar a leitura e a escrita não significa apenas introduzi-las na sala de aula, significa movimentar nosso aluno, fazer com que entenda para expressar-se e que expresse para entender-se enquanto parte do mundo.

Motivar o aluno para a escrita não garante a organização da escrita e estar motivado a escrever não significa aptidão, pois o jogo de palavras, do conhecimento dos diversos tipos de textos e suas características é um trabalho que estimula o aluno a misturar todas elas, fazendo assim com que se tornem poesia, crítica, sátira, música ou qualquer outra forma de expressão.

Qualquer pessoa é capaz de criar, desde que lhes sejam oferecidas situações adequadas para o desenvolvimento de seu potencial criador, devendo a leitura e produção de textos despertar no aluno o prazer de criar, de interagir com o outro, através de sua expressão criadora.

Ler e escrever são atividades que exigem contínua atenção e concentração, pois um texto é escrito para ser lido e sempre tem um público implícito nele.

O autor é um emissor, falando a um interlocutor que se deve fazer presente, ainda que, às vezes, não necessariamente explicitado no texto e na maioria das vezes, o interlocutor é o professor que assume vários papéis.

É importante que a prática de leitura faça com que os alunos sejam críticos de seus próprios textos. As crianças devem ser conscientizadas sobre a importância e complexidade da leitura para a escrita, sendo assim, a família e a escola são atores fundamentais nesse processo e os educadores devem se empenhar em atividades práticas, concretas para que haja maior interesse no aluno.

Leitura e escrita se completam automaticamente e bons leitores têm maiores chances de escrever bem, pois a partir da leitura adquire-se um amplo vocabulário e se compreende facilmente as normas ortográficas.

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos. (FREIRE, 1989, p.71)

Saber escrever requer saber ler e pensar e o pensamento é expresso através de palavras registradas na escrita, e esta é interpretada pela leitura.

Seguindo por estes pensamentos, concluímos que essas atividades estão diretamente relacionadas, e sendo assim, quem não pensa ou pensa mal, não escreve ou escreve mal e quem não lê ou lê mal, não escreve ou escreve mal.

A leitura é fundamental para a escrita e é necessário que se entenda o que lê, compreender o sentido e sabendo qual é a idéia principal do texto.

Para Freire (1989, p.11) “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

A leitura ainda é uma das fontes mais ricas de informação, mesmo estando em tempos modernos, pois não só nos ensina os mecanismos da língua escrita, mas nos fornece idéias que nos ajudam na tarefa de escrever.

Como educadores, devemos oferecer as nossas crianças oportunidades de contato com diferentes tipos textuais, contextualizados e pluralizando através de seu uso.

A leitura se inicia no ambiente familiar a partir do conhecimento de mundo apresentado no cotidiano da criança e as crianças começam a gostar da leitura antes de aprender a ler, quando ouvem histórias quando vêem televisão, gravuras, folheiam livros, revistas, jornais, histórias em quadrinho e criam suas próprias histórias.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (FREIRE, 1989, p.11).

Com a abertura da escola a todas as crianças, desencadeou-se um processo de socialização do saber e acesso a várias culturas e dependendo de como compreender a leitura, a escola pode tomar rumos diferentes, pois nasceram novos métodos que fazem os alunos se distanciarem da leitura prazerosa e o gosto pela mesma se perde nas escritas sem sentido, sem significado e alienada da realidade social e fantástica que povoa o mundo infantil.

Há ainda, aqueles que se apóiam na formação do leitor, usando textos que trazem para seu cotidiano a vida fora da escola e para que a leitura tenha sentido é preciso que esteja em sintonia com as motivações de quem lê e essa sintonia tem haver com a compreensão do texto para a reprodução do mesmo ou de uma crítica ou comentário.

As crianças ao ingressarem na escola têm preferência por histórias do cotidiano, de pessoas, de animais, de fatos da vida em família, da escola, dos medos, dos fantasmas e desafios, e a literatura privilegia tudo isso.

Sendo assim, devemos mostrar às nossas crianças a importância da leitura e escrita para mostrar-lhes um mundo mais belo, oportunizando a visão realista que faz com que a criança venha preencher sua experiência, através de livros de gravuras com pequenos textos, da história oral, da leitura e poesias, das cantigas de roda, das lendas e fábulas, a criança vivencia as aventuras não vividas na realidade.

Vendo as gravuras de um livro ou ouvindo uma história, a criança pode criar seu próprio mundo, povoando-o de sonhos e fantasias, mas, ao mesmo tempo, insere-se no nosso mundo de adultos e no seu mundo infantil.

A leitura proporciona a criança o aumento da criatividade e oportuniza o conhecimento de si mesmo, do mundo que a cerca, do seu ambiente de vida e permite, estabelece as relações tão importantes e necessárias entre o real e o não-real, além de possibilitar uma leitura em vários níveis: o sensorial, através dos aspectos exteriores do livro; o emocional, pelos sentimentos que a leitura provoca, pelo gostar ou não do que lê ou ouve, pela reordenação do mundo subjetivo; o racional, pela reflexão que a conduz, oportunizando a construção do conhecimento e a reordenação do mundo objetivo.

Tanto o prazer da leitura quanto o prazer da escrita são similares, pois uma e outra pressupõem a participação do leitor e escritor.

Ao escrever pretendemos atingir o outro lado de nós mesmos: o leitor. Identificável ou não. Qualquer leitor. E nesse sentido precisamos nos tornar públicos, para ser lidos. Para produzir leituras. E para estar em contato com os nossos semelhantes. Instiga-los, encanta-los, talvez.

Em suma, devemos impulsionar as leituras, falando sobre as mesmas, orientando, investigando idéias, questionando, mostrando detalhes importantes e depois estimular a escrita. E assim direcionamos nossos educando a leitura e a escrever seu próprio e novo texto, movimentando a palavra e a vida.

2.4 Ler para Escrever

Todo mundo já ouviu a noção de que, para escrever bem é preciso ler bem. A princípio parece verdade, tanto que a maioria dos professores propõem a seus alunos a tarefa de ler muito, ler de tudo, na esperança de que os textos automaticamente melhorem de qualidade. A leitura diária é sim, uma necessidade para o letramento. Porém, para produção de bons textos é necessário também que reconheça a leitura como uma fonte essencial para produzi-los.

“A leitura para escrever é um momento muito especial, que coloca os estudantes numa posição de leitor diferente da que usualmente ocupam. Afinal, a tarefa deles será encontrar aspectos do texto que auxiliem a resolver seus próprios problemas de escrita”, afirma Débora Rana, psicóloga e formadora de professores do Instituto Avisa Lá, em São Paulo. (MATIER, 2009)

Ao professor, antes de iniciar trabalhos de leitura direcionados para a melhoria da escrita, deve-se promover a ampliação do repertório, selecionando obras que sirvam de referência para o momento da produção.

Ler diversos textos de um mesmo gênero ou autor colabora para que os alunos se apropriem de mais elementos para a produção de composições. Procure fazer com que a leitura enfatize como se diz determinada coisa dentro de um gênero, discutindo a linguagem usada e o que ela provoca.

Para produzir textos de qualidade, os alunos tem de saber o que querem dizer, para quem escrever e qual é o gênero que melhor exprime essas idéias. Só então se define a forma do texto, que precisa ser entendido pelo leitor. (GURGEL & BREDÁ, 2009)

A chave é ler muito e revisar continuamente.

Para aproximar a produção escrita das necessidades enfrentadas no dia-a-dia, o caminho atual é focar o desenvolvimento dos comportamentos leitores e escritores. Ou seja: levar a criança a participar de forma eficiente de atividades da vida social que envolva ler e escrever. Noticiar um fato num jornal, ensinar os passos para fazer uma sobremesa ou argumentar para conseguir que um problema seja resolvido por um órgão público; cada uma dessas ações envolve um tipo de texto com uma finalidade, um suporte e um meio de veiculação específico. Conhecer esses aspectos é condição mínima para decidir, enfim, o que escrever e de que forma fazer isso. (GURGEL & BREDÁ, p. 39, 2009)

O ato de revisar um vai além da ortografia e foca os propósitos do texto, pois produzi-lo é um processo que envolve diferentes etapas: planejar, escrever, revisar e re-escrever. Esse comportamento é fundamental para a produção escrita. A revisão não consiste em corrigir apenas erros gramaticais, como se fazia antes, mas cuidar para que o texto cumpra sua finalidade comunicativa.

“O objetivo do aluno ao fazer a revisão de texto é conseguir que ele comunique bem suas idéias e se ajuste ao gênero. Isso tem de ser feito tanto durante a produção como ao fim dela.” (GURGEL & BREDÁ, 2009, p. 43)

Revisar durante a produção ajuda a verificar se o texto está adequado aos objetivos e às idéias que tinha intenção de comunicar, só então planeja-se a continuação. A maneira com que o professor escreve e revisa no quadro negro, por exemplo, pode colaborar para que a criança o tome como modelo e se familiarize

com o procedimento. A revisão é um processo fundamental para conseguir de fato uma boa escrita.

2.5 A Linguagem e sua Contribuição no Processo de Leitura e Escrita

O desenvolvimento da linguagem é um processo progressivo no qual a criança vai integralizando experiências auditivas, verbais, diferenciando sons e símbolos, uns dos outros, atribuindo-lhes significados e armazenando-os na memória, e melhorando o nível de desempenho.

Segundo Piaget (1982), é preciso considerar que o conhecimento ativamente adquirido é a base sobre a qual se constrói a compreensão. Isso significa que competências verbal (fala, leitura e escrita) não são objetivos finais para o processo educativo, mas para o desenvolvimento do pensamento, por meio do qual pode originar-se compreender e o ser verbalmente competente.

A criança começa recebendo estímulos auditivos, visuais, táteis, olfativos e gustativos que, uma vez associados tornam-se significativos. Com eles, ela forma uma linguagem interna. Simultaneamente, a criança escuta símbolos auditivos que representam acontecimentos de seu ambiente que, progressivamente, também passam a ser significativos. Assim, está desenvolvida a linguagem receptiva. (CONDEMARIN e BLOMQUIST, 1989).

Após um período de assimilação, e por imitação, a criança começa a utilizar símbolos verbais que compreende e emprega adequadamente, entretanto, então na fase da linguagem expressiva.

Quando ingressa na escola, pela imposição de símbolos visuais verbais a sua linguagem auditiva (fala), a criança aprende a ler. A palavra impressa representa símbolos sonoros que, por sua vez, são representativos da experiência pessoal. A partir daí, a criança é capaz de expressar-se através da escrita.

Retornado as etapas seqüências do desenvolvimento da linguagem, elas podem ser resumidas como: adquirir significados; compreensão do que ouve;

expressão oral e compreensão da palavra impressa ou escrita (leitura) e expressão através da palavra impressa (escrita).

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos ignoramos alguma coisa.” (FREIRE, 1989, p.69).

A leitura e a escrita exigem da criança atenção nos aspectos que dizem respeito à linguagem, aos quais ela não precisa dar importância, até o momento em que começa a aprender a ler, porque todas encontram alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita, pois estas exigem novas habilidades, que não faziam parte de sua vida diária até aquele momento.

A criança, ao aprender a ler, precisa começar a concentra-se no fato de que a linguagem falada consiste de palavras e sentenças separadas. É necessário que ela descubra também as palavras e sentenças escritas correspondem a essas unidades da fala. Esta é uma forma de compreensão da linguagem que não aparece tão facilmente nas crianças mais novas. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999. p.8).

Ao escrevermos, nossas idéias são expressas através das palavras. Mas ter um bom vocabulário não significa necessariamente ter um bom domínio da língua, porque a língua é formada não só por palavras, mas também por relações existentes que nos permitem construir frases.

No início de sua aprendizagem, o aluno deve ser desafiado a produzir com clareza, lógica e organização do seu próprio texto, não apenas o escrito, como o oral, respeitando-se a sua fala e sua escrita, sem preconceitos.

Devemos oferecer aos nossos alunos as diferentes variantes lingüísticas de acordo com as situações do contexto social e discursivo, e assegurar também ao aluno o acesso e o uso da norma culta da língua, entendida como variação socialmente prestigiada.

A língua indica o início da produção textual e busca novas formas de manifestação, sendo importantes: leitura de contos e fadas e reescrita; participação em entrevistas: a possibilidade de a criança falar sobre suas experiências etc., sempre em ambiente descontraído onde as várias formas de linguagem estejam presentes.

O aluno quando motivado, naturalmente vai querer ler e escrever e sendo assim, será motivado automaticamente a pensar, levantar hipóteses e a formar um jogo de palavras que se tornará um texto.

Dois paradigmas são usados para descrever a aquisição da leitura, um é visto de uma forma tanto em relação ao leitor experiente quanto aos inexperientes e ambos são realizados através do conhecimento do mundo e da língua como fatores primários que distingue bons e maus leitores. Para o autor, o segundo paradigma baseia-se no pressuposto de que existem diferenças nos processos de leitura e as diferenças qualitativas emergem na proporção em que o leitor adquire novas e mais eficientes maneiras de identificar as palavras e seus significados.

O objetivo da leitura em ambos os paradigmas é a construção do significado. Eles deferem a cerca do modo pelo qual essa compreensão é alcançada. O primeiro sugere que o leitor é bem sucedido de usar um mínimo de informações gráficas e o segundo propõe o crescimento do uso rápido e eficiente do máximo de informações ortográficas para alcançar uma melhor compreensão.

Segundo Piaget (1982), a criança progride através de estágios em que a informação gráfica é usada cada vez mais rápida e eficiente para identificar palavras expressas de do ponto de vista cognitivo o significado de leitura para as atividades das crianças são “leitura de experiência”, tendo em vista que quando a criança leva um objeto à boca, quando agarra, puxa e encaixa objetos e ainda quando ouve e imita sons entre outros ela está lendo o mundo que a cerca. Toda criança possui um esquema de absorção que passa por uma série de transformações de acordo com a etapa de desenvolvimento que atravessa. Nos primeiros anos ele é distintamente sensorio-motor e simbólico, ou seja, muitas das experiências que a criança realiza tornam-se essencial para o seu desenvolvimento cognitivo e, logo para a aprendizagem.

A alfabetização de ser compreendida como uma técnica que se inicia com a criança pegando ou ouvindo, combinando, experimentando objetos e depois da ação da leitura dos símbolos gráficos, ou seja, a palavra.

CAPÍTULO 3

PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DE TEXTO

A produção e reprodução de textos se dão não apenas através de mensagens escritas, mas também por símbolos, figuras, desenhos os outros e nos deparamos com estes vários tipos de textos no nosso dia a dia.

Texto é qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo e articulado.

Todo texto visa um interlocutor, tem uma função e deve ser compatível com uma situação concreta, pois sua interpretação é vista como a interpretação autor-leitor na qual o leitor ativa seu conhecimento prévio em relação ao assunto, relaciona as partes do texto, faz antecipações, infere significados, na tentativa de reconstruir o sentido do texto para quem o ler.

O conhecimento que o aluno traz, deve ser desenvolvido e ampliado, cabendo ao educador propiciar oportunidades permanentes de criação e interpretação de novos textos.

Conforme afirma Freire (1989, p. 29):

(...) na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura das palavras estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas ligados à experiência do educador.

É necessário que propiciemos aos nossos educandos situações nas quais possam desenvolver o gosto de ler, expressar e escrever e assim, eles próprios descubrem a escrita como uma das formas de comunicação e expressão de idéia seja fazendo uma redação ou até mesmo escrevendo um bilhetinho.

O professor deve apresentar situações adequadas desafiando seu aluno a exercitar sua leitura e escrita, desenvolvendo um planejamento simples, prático e objetivo.

Muitas vezes, a incompreensão de palavras impede a comunicação, o que não significa que sejam necessárias palavras difíceis e pouco conhecidas, portanto a clareza é muito importante e para escrever de maneira que os outros possam entender é fundamental o domínio do vocabulário.

Produzir textos não é de forma alguma mágica ou truque, apenas é imprescindível que haja exercício contínuo aliado à prática da leitura e reflexão.

“Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar e não repetir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário!” (FREIRE, 1989, p.59).

A linguagem utilizada deve estar de acordo com a norma culta, obedecendo aos princípios estabelecidos pela gramática, ser claro e coerente, exprimindo a idéia de forma que possa ser compreendida com facilidade pelo leitor.

É de suma importância otimizar o uso da linguagem oral e escrita, uma vez que a fala e a escrita tornam possível à comunicação, a troca de idéias, de experiências, de emoções e sentimentos, ao mesmo tempo em que oportunizam e possibilitam a criação de valores proporcionando assim diferentes formas de construir a vida.

O educador quando realiza atividades que desenvolvem oral e escrita está oferecendo ao aluno a oportunidade de incrementar a curiosidade intelectual e sua capacidade reflexiva e crítica, ampliando assim seus interesses e possibilidades pessoais e aumentando sua sensibilidade e participação na sociedade da qual faz parte.

As palavras são símbolos e o desenvolvimento da fala e da escrita significa capacidade de manipulação com vista ao valor maior que é o da comunicação.

A produção de textos não é apenas uma forma de exercício nem uma tarefa relacionada a um assunto proposto pelo professor, é uma forma de compor, seja um texto, um poema, uma música ou qualquer coisa desse tipo.

Para Freire (1989, p. 125) “(...) o dialogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo.” Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto.

Produzir texto oral ou escrito é evidenciar a capacidade de expor idéias, através de estruturas expressas de modo inteligente e criativo.

Segundo Naspoline (1996 p.39):

Em relação aos tipos de textos para fins didáticos podemos classificar os textos em práticos, informativos ou literários e extraverbais, sendo que os três primeiros grupos foram introduzidos por Landsmann. Essa classificação segundo tem o objetivo de facilitar o trabalho que teve o aluno a produzir e sistematizar conhecimentos.

O objetivo é não somente levar o aluno a reconhecer diversidades de textos, mas levá-lo a escrever todos eles e esse contato facilita a descoberta das regras que regem a linguagem escrita.

Textos Práticos são os textos com os quais nos deparamos em nosso dia-a-dia. Por exemplo, contas de água, luz e telefone, cheques, embalagens de todos os tipos, manuais, listagens, itinerários, ingressos, passagens, carnês, bulas de remédio, cardápios, receitas culinárias, notas fiscais, cartas, bilhetes, telegramas. (NASPPOLINE, 1996. p. 39)

Os textos informativos ou científicos mantêm o leitor informado sobre conhecimentos específicos e são os textos ou já a função é trazer ao leitor conhecimentos, descobertas e novidades em geral. Exemplo disso são as notícias de jornais, enciclopédias, dicionários, gramáticas, revistas, entrevistas, os textos científicos, históricos e geográficos, tabelas e gráficos. (NASPPOLINE, 1996)

Cada texto tem uma atividade e exerce de forma especial essa atividade sobre o leitor, como por exemplo, o jornal que informa.

Os textos extraverbais na concepção de Naspoline (p.46, 1996), são aqueles em que:

A partir do momento em que entendemos por texto, tudo que conseguimos compreender e interpretar. Desta visão, o código lingüístico não é o único a permitir a leitura. Existem “os textos” que não são escritos com palavras, mas empregam outros códigos não lingüísticos ou além dos lingüísticos – os textos extraverbais. Exemplos: figuras, ilustrações, arquitetura, história em quadrinhos, quadro de arte, música, gestos entre outros.

Os textos literários são aqueles que aparecem em forma de história contadas por autores para despertar o interesse pela leitura do mesmo.

Na produção de mensagens orais e escritas temos elementos que são implicados em qualquer situação de comunicação, sendo que nessas situações nos deparamos como variadas formas que merecem um destaque na nossa linguagem.

A leitura e a escrita são muito mais que simples tecnologias, elas, tornaram-se um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural e por isso são essenciais à própria sobrevivência no mundo moderno.

Segundo Marcuschi (2001), oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permite a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. A eficácia comunicativa e potencial cognitivo não são vetores relevantes para distinguir oralidade e escrita, de modo que a tese da grande virada cognitiva que a escrita, de modo especial a escrita alfabética, representaria com seu surgimento na humanidade, não passa de um mito já superado.

Quanto à presença da escrita, pode dizer que, mesmo criada pelo engenho humano tardiamente em relação ao surgimento da oralidade, ela permeia hoje quase todas as práticas sociais dos povos que penetrou. Ate mesmo os analfabetos, em sociedades com escrita, estão sob a influência do que contemporaneamente se convencionou chamar de práticas de letramento, isto é um tipo de processo histórico e social que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional.

Marcushi (2001), afirma que o letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, pois isso é um conjunto de práticas, que se distribui em graus de domínio que vão do mínimo ao máximo e a alfabetização pode dar-se, à margem da instituição escolar, mas é sempre um aprendizado mediante ensino, e compreende o domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever.

Para o autor a escolarização é uma prática formal de ensino que visa uma formação integral do indivíduo e a alfabetização é uma das atribuições que a escola tem, além de projetos educacionais amplos e uma habilidade restrita, enquanto o letramento, envolve as mais práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, assim como o analfabeto, mas letrado, na medida em que identifica o dinheiro, ônibus que deve tomar, faz cálculos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, o indivíduo que desenvolve tratados e Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramentos e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita.

Para Marcuschi (2001), a comunicação através da leitura e escrita é uma atividade sociointerativa, histórica e cognitiva, e não um sistema de regras e instrumento de informação, as relações entre oralidade e escrita fundadas na tese de que “falar ou escrever bem” não é ser capaz de adequar-se as regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação.

CAPÍTULO 4

A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

Fazer com que os alunos sejam comunicativos é uma árdua tarefa para o professor, pois, além da intenção e aprofundamento que vão abrindo espaços para reflexão sobre o escrito, como um objeto de leitura e de estudo.

O trabalho do professor vai se prolongando, ampliando e se organizando na medida em que os anos passam e o educando vai tendo noção do jogo da comunicação e errando e acertando a partir de experiências.

Inicialmente o professor tem maior amplitude sobre a apreciação do texto, depois conseqüentemente outras palavras, dos leitores e colegas, vão se introduzindo na leitura e à medida que os trabalhos de leitura e de produção de texto avançam a apreciação se divide com os demais participantes da vivência do aluno.

O professor do ensino fundamental exerce grande influência sobre o ler e o escrever de seu educando, pois tem a função de orientar o aluno no uso e domínio da língua portuguesa, isso porque saber a língua é a base de todas as atividades a serem propostas na educação, saber analisar é decorrente desse saber, é ter a palavra como objeto de estudo.

Ler e escrever para e com os alunos, bem como refletir sobre esses escritos é tarefa do educador, para aprimorar a comunicação, desenvolver a sensibilidade, o senso crítico e contribuir para o exercício pleno da cidadania.

A escola é o caminho certo quando se fala em processo ensino-aprendizagem, e por esse motivo, é evidente a importância do educador enquanto orientador de seu aluno rumo à maturidade no exercício da escrita e leitura.

Enquanto educadores podemos e devemos incentivar nossos alunos ao processo de interesse pela leitura trabalhando várias formas de textos disponíveis, com criatividade, dinamismo e espírito inovador.

Existem várias formas estimuladoras no processo de interesse pela leitura, mas muitas vezes os nossos pais não sabem ler. Neste caso reconhecemos os motivos pelo qual a família não pode incentivá-lo. Em caso contrário o que se sabe é que antes mesmo de aprender a ler a criança já traz um conhecimento de mundo, que chamamos de leitura incidental, como por exemplo, ela não sabe ler a palavra, mas ela associa aquele objeto ao seu rótulo, ela já está lendo embora não domine o código lingüístico.

Falar sobre esse assunto é algo bastante complexo, já que a leitura é fundamental na vida das pessoas, pois somente através da leitura podemos conhecer outras realidades, outros pensamentos e tipos de cultura, e através da leitura é que você cria outros pensamentos, ou seja, reconstrói e produz a partir de algo que você deu outras idéias. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. (FREIRE, 1989).

Naspoline (1996), nos alerta que o desenvolvimento de um processo de ensino aprendizagem da leitura leva o aluno a compreender a mensagem do texto e a responder questões empregando as palavras e idéias expressas no texto. É o aspecto decodificador da leitura.

Na verdade, apresenta o enfoque de conteúdo para levar o aluno a interpretar a mensagem do texto.

No Enfoque Estruturalista a estrutura do texto apresenta suas próprias características e como afirma Naspoline, (1996, p. 56):

Todo texto apresenta uma determinada estrutura que o caracteriza como sendo de um e não de outro uso. Assim toda narrativa traz personagens, ambiente, clímax e desfecho, por exemplo. Toda carta traz local, data, nome do destinatário, margem ou conteúdo, despedida e assinatura. Tais elementos constituem o que chamamos superestrutura esquemática de um texto.

Segundo ela quando o aluno lê interage com o texto. Isso significa que o leitor e texto se influenciam mutuamente. No enfoque discursivo o trabalho visa buscar os

efeitos que o texto produziu no leitor. Esses efeitos seriam as contribuições que o leitor estaria apresentando ao texto, caracterizado, por isso como aberto. Há, assim, várias possibilidades de leitura, o que requer necessariamente reflexão, discussão, análise e síntese. (NASPOLINE,1996, p.56).

Percebe-se que os professores esforçam-se em busca de interação para que o educando sinta-se a vontade ao construir o conhecimento a partir de métodos tradicionais “revistos ou avaliados” que muitas vezes perdem espaço nas atividades pedagógicas, que é um fenômeno relevante o positivo para a melhoria da qualidade do ensino.

É um grande desafio para nós professor incentivarmos os educandos a lerem e interpretarem, mas para isso é necessário o envolvimento de escola, alunos e familiares.

A leitura é importante para sairmos do senso comum, e por esse motivo devemos incentivar e oportunizar o desenvolvimento da consciência crítica em nossos alunos com envolvimento da comunidade escolar.

O ato de ler e consiste em relacionar o novo ao conhecimento, ligando as informações novas das mensagens escritas. As informações estocadas na memória do leitor. Essas duas fontes de informações são usadas (STANOVICH & SIEGEL, 1994).

É necessário que se tenha consciência de como envolver os alunos a participarem do processo, pois muitas vezes eles próprios trazem para escola textos diferentes, livros didáticos.

A partir daí constata-se que umas das formas de estimular nossos alunos a leitura é proporcionando o contato direto com textos estimulantes, pois sendo assim estamos valorizando o conhecimento da educação formal e informal, pois o que o aluno aprende fora da escola, vai aprofundar dentro dela.

Para Stanovich & Siegel (1994, p.54):

O ato de ler consiste em relacionar o novo ao conhecido, ligando as informações estocadas na memória do leitor. Essas duas fontes de informações e coordenadamente, pois para identificar e construir unidades de significados o leitor se vale dos estímulos visuais e de suas estruturas globais de conhecimento.

Percebemos que quando escreve um texto, o autor faz questão de falar sobre a importância que existe entre o fato da pessoa relacionar o novo ao conhecido, pois

quando lê acaba descobrindo o que já conhece e a partir daí resgata o que estava guardado na memória passando a construir seus próprios conhecimentos.

Na maioria das vezes, os alunos não lêem por não conhecerem o valor da leitura e não escrevem por não terem hábito de leitura.

A leitura é áspera e não trata diretamente do assunto, causando assim uma dificuldade em compreender palavras, os meus alunos não gostam de ler? É, sem dúvida, a queixa mais comumente ouvida entre professores, porque essa realidade? Aspectos macroestruturais que também influenciam no fracasso da escola quanto a formação e leitores não serão aqui discutidos. Refiro, por exemplo, ao lugar cada vez menor que a leitura tem no cotidiano do brasileiro, à pobreza no seu ambiente (ele lê o material escrito com o qual ele entra em contato, tanto dentro como fora da escola), ou ainda à própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são, leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler. (KLEIMAM, 1997, p.17).

Devemos ter paixão pela leitura e Bellenger (1997, p.15) nos diz que “a leitura se baseia no desejo e no prazer.”

Já Kleimam (1997), afirma que a atividade árida e tortuosa de decifração de palavras que é chamada de leitura em sala de aula, não tem nada a ver com a atividade prazerosa descrita por Bellenger, pois de fato, não é leitura por mais que esteja legitimada pela tradição escolar e ninguém gosta de fazer aquilo que é.

Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler uma sala de aula: Para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, juntamente porque, ela não faz sentido.

Este assunto destaca a questão de uma leitura prazerosa e vem de encontro com a realidade do educando, fazendo-o sentir-se atraído, pois nos tempos modernos, onde a televisão, o computador e a Internet são ferramentas diárias a leitura e a escrita não perderam seu valor como necessidade social.

Cabe a nós o desafio de mostrar a sua importância considerando que, por falta de conscientização sobre o hábito de ler e de escrever os alunos cada vez mais apresentam sérios problemas na organização do pensamento e da escrita. Falta-lhes o senso crítico diante da realidade e condições de fazerem escolhas pessoais para o seu futuro o de sua comunidade e de seu país. Pois educar hoje, tem outra conotação, a de formar seres críticos e conscientes de sua função social e a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a

leitura. Mas, na realidade ela não vem cumprindo bem este papel, confunde o processo de ler em um simples reconhecimento de palavras em páginas impressas, ou seja, vem trabalhando a leitura como um simples ato de decifrar códigos. Existe uma nítida separação entre os mecanismos da leitura e o pensamento, reduzindo a leitura a um ato de decifrar letras.

Na maioria das vezes a escola forma o leitor que apenas busca informações necessárias a finalidade imediata e o desinteresse pela leitura tem origem no ensino fundamental, devido ao tipo de leitura que é oferecido às crianças, não considerando o interesse e a faixa etária, tornando assim o primeiro contato com o livro um ato sem prazer.

É comum uma criança ler um texto e não saber contar ou falar sobre o que leu, logo, conclui-se que ela não leu e a falta de interesse pela leitura prova que a leitura significativa não foi ativada na infância. No momento da aprendizagem, o aluno não considerou que fosse valer para sua vida futura, então devemos nos conscientizar desse que é um ponto principal na questão da aprendizagem de leitura e escrita.

A leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. Às vezes, ler é um processo de descoberta, como a busca do saber científico. Outras vezes requer um trabalho paciente, perseverante, desafiador, semelhante à pesquisa laboratorial. A leitura pode também ser superficial, sem grandes pretensões, uma atividade lúdica. É uma atividade profundamente individual e ao contrário da escrita, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização e reflexão.

Kleiman (1989), aborda a leitura de mundo através da atuação do conhecimento prévio, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto, mundo, que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar partes de um texto num todo coerente.

“O desinteresse pela leitura é um grave problema, pois a falta de informação leva à preguiça mental e conduz a humanidade ao caos social e cultural; infelizmente, nos meios acadêmicos também”. (Pinheiro, 1988, p.25)

A leitura, vista como problema social quando relacionada com maus leitores, raramente é prazerosa.

Dos questionamentos que fazemos: é preciso ler? Por quê? Pensamos que para estudar; para instruir-se; para ser alguém na vida, entre outras que têm como

conseqüência à ação. Ação esta que proporcione vantagens, não uma ação que resulte em prazer; uma leitura comparada à alimentação que nós saboreamos conforme nossa fome e nossa disposição momentânea, em que nós engolimos, devoramos, mastigamos; “ler é pastar” (BARTHES, 1974, p.119).

Para Zilberman (1982), a escola, na medida em que trabalha com indivíduos diferentes, com valores, crenças, hábitos lingüísticos e comportamentais diferentes, é também um campo de batalha – luta de idéias e de linguagens, como expressão da luta de classes e por isso a leitura assume papel político democrático ou não, dependendo do grupo social a que está submetida.

O fundamental é fazer com que todos leiam, pois só teremos resultados duradouros quando a leitura for um hábito que se produza naturalmente.

Cagliari (2002, p.39), afirma que:

Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se torna um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor.

4.1 O Desenvolvimento da Leitura e Escrita

A apropriação da linguagem escrita pelas crianças está começando a ser vista como um processo. No entanto a preocupação com a linguagem escrita está sobrepondo ao que Vygotsky (1991, p. 25) afirma que “é a pré-história da linguagem escrita, que são os gestos, a brincadeira e o desenho.”

De acordo com Colello (1995, p. 32) “o processo de construção da língua escrita é muito mais complexo do que supõem os educadores que mantêm o ensino do abecedário, das famílias silábicas e pré-silábicas bem como da associação de letras na composição de palavras, sentenças e textos.”

A capacidade de ler e escrever não depende exclusivamente da habilidade do sujeito em "somar pedaços de escrita", mas, antes disso, de compreender como funciona a estrutura da língua e o modo como é usada em nossa sociedade.

O trabalho com a leitura e a escrita supõe a participação em situações reais e significativas de leitura e de produção de textos.

Vygotsky (1991, p. 27) salienta que:

a escrita deve ter significado para as crianças, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos que ela se desenvolverá não como um hábito de mão e dedos, mas como forma nova e complexa de linguagem.

A aquisição e domínio da escrita, como forma de linguagem, acarretam uma crítica mudança em todo o desenvolvimento cultural da criança.

Podemos pensar o que quisermos das crianças, mas provavelmente não estaremos autorizados a dizer que elas, mesmo as menos dotadas do ponto de vista de tais condições materiais, não são boas para aprender a ler e escrever. Podemos ver diariamente que as crianças são bem sucedidas no aprendizado de regras necessárias para falar. A evidência é que elas falam.

“Se a leitura e escrita são sistemas complexos para as crianças, porém mesmo assim elas aprendem, então temos a certeza de uma coisa: elas não são incapazes” (GERALDI et al, 1997, p.19).

No entanto, em uma sala de aula, “é possível perceber no coletivo dos alunos o fenômeno denominado consciência contraditória, uma consciência que sabe, mas que ao mesmo tempo, nega o seu saber” (CHAUÍ, 1980, p. 14).

4.2 Disfunções da Linguagem Oral e Escrita em Sala de Aula

Como a escrita é uma função culturalmente mediada, a criança que se desenvolve numa cultura letrada está exposta aos diferentes usos da linguagem escrita e o seu formato, tendo diferentes concepções a respeito desse objeto cultural ao longo de seu desenvolvimento. A condição essencial para que uma criança seja capaz de compreender adequadamente o funcionamento da linguagem oral e escrita é que ela descubra que a “língua oral é transmitida através dos sons da fala e a língua escrita é um sistema de signos que não tem significados em si” (OLIVEIRA, 1997, p. 68).

Nesse sentido, de acordo com Geraldi (1997), deve se apresentar a criança diversos textos possibilitando a reflexão sobre a língua e as variedades existentes

em diversos contextos sociais, visando desenvolver sua capacidade argumentativa, interpretativa e cooperativa.

A criança ao chegar à escola traz consigo uma bagagem adquirida do ambiente em que vive. No entanto, algumas trazem dificuldades que embaraçam o desenvolvimento, o conhecimento que a escola lhe propicia. Muitas vezes, no decorrer de sua prática o docente depara com situações que o deixa intrigado, pois certas crianças apresentam distúrbios de ensino, que passam despercebidos pelos pais porém, são detectados pelos professores.

Essas dificuldades na aprendizagem podem ser de fatores emocionais ou orgânicos e prejudicam, de maneira significativa a aprendizagem da criança. Esses transtornos são relevantes e devem ser descobertos precocemente, pois se detectados tardiamente podem causar danos irreparáveis no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem. (PRADO & FREIRE, 2001).

Sendo assim, é imprescindível que os envolvidos na educação, professores, gestores, coordenadores, e família estejam alertas, para identificar possíveis alterações no comportamento, o que às vezes pensamos ser falta de interesse e descaso, podem apresentar problemas sérios de distúrbios de aprendizagem.

No inventário das dificuldades que podem ser apontadas ocupam lugar privilegiado o baixo nível de desempenho linguístico demonstrado por crianças na utilização da língua, quer na modalidade oral, quer na modalidade escrita.

Cabe ressaltar que na sala de aula problemas comuns referentes à linguagem oral e escrita refletem em seu aprendizado, tais como:

• Dislexia: esta disfunção refere-se às dificuldades com a identificação dos símbolos gráficos no início da sua alfabetização, onde pode acarretar no fracasso em outras áreas que dependem da leitura e da escrita. As principais dificuldades são:

- demora a aprender a falar, fazer laço, a reconhecer as horas, a pegar e chutar bola, a pular corda;
- escrever números e letras correspondente, ordenar as letras do alfabeto, meses do ano e sílabas de palavras compridas, distinguir esquerda e direita;
- atrapalha-se ao pronunciar palavras longas;
- dificuldade em planejar e fazer redação (ROCHEL, 2009).

- Disgrafia: os principais erros apresentados na criança disgráfica são:

- apresentação desordenada do texto;
- margens malfeitas ou inexistentes;
- traçado de má qualidade: tamanho pequeno ou grande, pressão leve ou forte, letras irregulares ou retocadas;
- distorção da forma das letras o e a;
- movimentos contrários ao da escrita convencional;
- ligações defeituosas de letras na palavra;
- irregularidades no espaçamento das letras na palavra;
- direção da escrita oscilando para cima ou para baixo;
- dificuldade na escrita e no alinhamento dos números na página (ROCHEL, 2009).

A atuação do professor frente aos distúrbios da aprendizagem deve ser efetivamente imprescindível. Algumas posturas devem ser repudiadas em sala de aula e até mesmo fora dela, tais como: destacar as dificuldades apresentadas pelo aluno; deixar de fazer críticas construtivas; assim como desrespeitar ou humilhar a criança que tem dificuldades de aprendizagem. No entanto, em detrimento a estas posturas, outras atitudes devem ser adotadas pelos educadores: propor questões para identificar aspectos positivos de interação evitando que a criança se sinta menos produtiva do que as outras; examinar o problema com paciência, afetividade de forma direta; avaliar o desempenho da criança em teor qualitativo ao seu trabalho; incentivá-la a enfrentar as dificuldades, buscando autossuperação (ROCHEL, 2009).

Nesse sentido, os professores podem ser os mais importantes no processo de identificação e descoberta desses problemas, porém não possuem formação específica para fazer tais diagnósticos, que na verdade devem ser feitos por médicos, psicólogos e psicopedagogos. Sendo que o papel do professor se restringe em observar o aluno e auxiliar o seu processo de aprendizagem, dando ao aluno condições de desenvolver e descobrir suas potencialidades.

A função da escola não pode se restringir apenas a ensinar a ler, escrever ou transmitir conhecimentos. Os professores devem observar como a criança interage com o mundo e o que é interessante para ela, na perspectiva de sua aprendizagem espontânea. Devem observar também como elas participam da vida social e como internaliza os papéis vividos.

4.3 A Aquisição da Linguagem Escrita no Ensino Fundamental

Um dos maiores desafios da escola é ensinar os alunos a ler e compreender o que leem, pois aprender a ler é muito mais do que simplesmente aprender o valor sonoro das letras, juntarem sílabas e formar palavras. É preciso que o professor ensine o nome das letras e o valor sonoro delas. Essa é uma tarefa importante, mas não deve ser a única.

Hoje, a tendência é propor atividades que sejam feitas diariamente com os alunos, não somente do ensino fundamental e sim em todos os anos escolares, onde estes alunos possam desenvolver as habilidades de ler e escrever.

Ler é mais complexo do que saber decodificar as letras, isto é, transformar sinais gráficos em sons, e escrever vai além de saber codificar, ou seja, transformar sons em sinais gráficos. Saber ler implica em compreender as intencionalidades do texto.

Para Ferreiro (1992, p. 08) “a língua não é um código criado racionalmente”. Portanto, não pode ser ensinada por um método, seja ele qual for que considere a leitura e a escrita simples mecanismos de decodificação e codificação de sinais gráficos.

Antes de qualquer coisa, é preciso ressaltar que a produção da linguagem escrita no ensino fundamental foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor. A situação de emprego da língua é, então, artificial. Pois, que graça tem em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido por apenas uma pessoa?

Algumas atividades são permeáveis no processo de aquisição da linguagem escrita no ensino fundamental, como as produções de textos, em uma visão não narrativa¹ de forma dissertativa (onde podem ser produzidos em um debate oral).

Isso tudo nos leva a uma nova visão de ensino da leitura e escrita no ensino fundamental, onde a escola poderia aprender muito com procedimentos “pedagógicos” motivadores e inovadores. Crianças do ensino fundamental utilizam-se de várias formas de interação no processo de aquisição da leitura e escrita, elas perguntam, afirmam, exclamam, negam sempre que lhe parecer relevante ou tiverem oportunidade. Isso nos remete a uma pergunta: Como aprenderam? A

¹ Tipos de texto onde os alunos escrevem histórias ou estórias.

resposta é simples: ouvindo, dizendo e sendo corrigida quando utilizam formas que os adultos não aceitam, isso é muito importante.

4.4 Leitura e Escrita: Uma Concepção de Aprendizagem na Criança

A invenção da escrita obrigou ao surgimento da primeira tecnologia da linguagem e da informação, que até então era aprendida espontaneamente, sem nenhuma intervenção didática sistematizada. Dessa forma, essa tecnologia da escrita obrigou ao surgimento da escola, para que houvesse aprendizado formal de novas técnicas, não somente de recepção, mas também na produção de informação: a leitura, a interpretação, a tradução, as gramáticas, os dicionários, o esforço para compor mensagens que são capazes de circular por toda parte. Assim, a escola como conhecemos hoje é “fruto” da escrita.

Assim, num contexto onde a escrita e a leitura fazem parte das práticas cotidianas, a criança tem a oportunidade de observar adultos utilizando a leitura de jornais, bulas, instruções, guias para consulta e busca de informações específicas ou gerais; o uso da escrita para confecção de listas, preenchimento de cheques e documentos, pequenas comunicações e atos de leitura dirigidos a ela (ouvir histórias lidas). A participação nessas atividades ou a observação de como adultos interagem com a escrita e a leitura gera oportunidades para que a criança reflita sobre o seu significado para os adultos (AZENHA, 2003, p. 55).

No entanto, o aprendizado na leitura e da escrita se dá por meios onde, a criança, possa adquirir conhecimentos através de mecanismos vivenciados a partir da intervenção pedagógica do adulto, principalmente do professor.

Por isso, o entendimento da leitura, da escrita e também da oralidade, mudam os objetivos da educação. Para que aprendizagem seja efetiva, as intenções do educador devem ultrapassar situações da escrita escolar levando-se em conta as práticas sociais em sala de aula.

A compreensão crítica do ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas antecipa e se alonga a inteligência do mundo. O ato de ler, o ensino da leitura, deve acontecer pelo uso de materiais e atividades desafiadoras e não mecânicas.

Dessa forma, possibilita-se a criança um contato literário existente na vida real, e não somente quando são “obrigados” a elaborarem uma redação escolar abstrata e sem contexto.

Quando falamos de criança, pode-se perceber que a leitura infantil é indispensável tanto na escola como em outros meios institucionais que trabalham para o desenvolvimento intelectual e emocional da criança.

Para tal, faz-se necessário que o professor introduza na sua prática pedagógica a leitura de contexto formativo, que contribui para o crescimento e a identificação pessoal da criança, propiciando ao aluno à percepção de diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, a autonomia, a criticidade, que são elementos necessários à formação da criança.

De acordo com Ferreiro apud Azenha (2003, p. 56), “para a aprendizagem da criança existem processos nos sujeitos desta aquisição. Isto porque, o tema da aprendizagem da escrita era considerado apenas uma técnica dependente dos métodos de ensino.”

Assim, o ensino na escola se processará através da relação estímulo-resposta, sendo o professor o responsável pelo estabelecimento de reforços positivos e negativos a fim de se estabelecerem comportamentos desejados.

4.5 A Concepção da Leitura-Escrita Vista pelo Ângulo da Criança

A criança mesmo antes de frequentar a escola já possui uma série de conhecimentos sobre a língua escrita. Esses conhecimentos são decorrentes da interação com seus familiares, atribuindo significados aos seres, objetos, e situações que a rodeiam, antes mesmo de ingressar na escola, ela é capaz de “ler” rótulos em embalagens, seu próprio nome e palavras que lhe são significativas, como o nome de brinquedos.

Além disso, até mesmo crianças filhos de pais não alfabetizados ou com baixo nível de escolarização, que vivem nas zonas urbanas ou rurais podem possuir algum conhecimento sobre a função da escrita.

“O desenvolvimento cognitivo no sujeito é uma sucessão de estágios e subestágios, nos quais os esquemas se organizam e se combinam entre si formando estruturas [...]” Cabe ressaltar que nas crianças de idade dos 2 aos 7

anos, onde se inicia o ensino fundamental, “(...) o sistema operacional ou pré operatório, é marcado pelo surgimento da linguagem e este acarreta em modificações significativas nas áreas intelectual, afetiva e social” (PIAGET, 1976, p.37).

A criança atravessa determinados estágios de desenvolvimento cultural cada um dos quais se caracterizando pelos diferentes modos pelos quais a criança se relaciona com o mundo exterior; pelo modo diferente de usar os objetos; por formas diferentes de intervenção e diferentes técnicas culturais (...) (VYGOTSKY, 1991, p. 18).

Os conhecimentos, crenças e atitudes das crianças sobre a escrita e a linguagem escrita tem sido foco de atenção em pesquisas psicopedagógicas dos últimos anos. Tais pesquisas nos mostram que as crianças possuem conhecimentos prévios ao ensino formal, que esses conhecimentos e crenças desempenham um papel importante na aprendizagem, embora, por outro lado, nem sempre sejam adequados. “O reconhecimento dessa inadequação coloca-se como necessidade para distinguir entre o adquirir e reconstruir conhecimentos” (TEBEROSKY, 2003, p. 54).

Devemos saber que é preciso ter um destinatário para qualquer produção textual sendo este fundamental para o sucesso do trabalho. “As crianças percebem que escrevem para alguém que vai ler, não só porque o professor está mandando. O resultado é que esses alunos se desenvolvem mais do que a média” (ARGÜERO apud GROSSI, 2009, p. 37).

[...] É bastante claro que a organização gráfica do texto é muito importante para a grande maioria dos alunos no início da alfabetização. A forma como os pequenos colocam as palavras no papel e a forma como exploram os espaços em branco na folha dizem muito sobre suas concepções de linguagem. Para o professor, é essencial saber disso e observar a organização visual das produções para poder avaliá-las e ajudar a garotada a avançar. É essencial ter a clareza de que, na alfabetização inicial, a organização dos textos não é só uma questão sintática. Ela é visual também (ARGÜERO apud GROSSI, 2009, p. 38).

Na linguagem escrita a criança tem de encontrar uma maneira de desenvolver palavras, organizando uma frase ou um texto, mas ela não pensa necessariamente nas palavras gráficas. Isso vai depender do grau de isolamento e memorização das palavras gráficas e de sua capacidade de reprodução. “Em contrapartida, a criança

pensa na notação dos segmentos sonoros [...]”. Por isso, nos primeiros momentos a escrita é “escrita contínua”, sem separações entre palavras (TEBEROSKY, 2003, p. 113).

4.6 A Postura Construtivista Frente ao Ensino da Leitura e Escrita

A postura construtivista é aquela que permite ao aluno avançar de acordo com seu potencial. O que não significa que o professor deva ficar assistindo de braços cruzados o caminhar desse aluno. Deve-se respeitar o ritmo de cada indivíduo não implicando em deixá-lo a mercê de oportunidades reais de desenvolvimento. O professor construtivista não pode ser autoritário, dono da verdade e do poder. Deve sim, ser um profissional que sabe o que está fazendo.

“É importante conhecer esta realidade para que a escola não se distancie dela. As formas de leitura e de escrita estão tendo, no momento atual, uma mudança profunda: está surgindo uma nova modalidade de apropriação do texto” (ROJO, 2000, p. 99).

Não apenas no caso da leitura e escrita o professor pode ser construtivista, mas em toda a sua prática. Desde que trabalhe de forma a favorecer o pensar do aluno, as reflexões, as tomadas de decisão, no lugar de apenas ter a pretensão de transmitir-lhes o conhecimento pronto.

Especificamente no caso da leitura e escrita, e até mesmo na alfabetização, deve-se considerar “[...] o raciocínio sincrético da criança, caracterizado pela percepção da totalidade do objeto e pela dificuldade em decompô-lo em suas partes constituintes e em reconhecer as relações entre essas partes” (PIAGET & GARCIA, 1987, p. 17).

Assim, a visão geral do texto é mais significativa e atrativa para a criança do que o contato com as sílabas, famílias silábicas e os textos das cartilhas.

O professor deve conhecer as etapas da evolução do processo de alfabetização, os estágios de desenvolvimento da criança e as hipóteses de leitura e escrita que faz, para saber situar em que nível ela se encontra e lançar mão de uma didática adequada que favoreça as intervenções que a transportem de um estado de conhecimento provisório para um estágio de conflito cognitivo que permitirá seu avanço em busca da construção do conhecimento definitivo. “Há que se trabalhar

com uma proposta pedagógica mais coerente com a gênese de evolução do educando, o qual, dentro dessa perspectiva passará a ser o sujeito de sua aprendizagem” (SOARES, 1986, p. 22).

Uma concepção construtivista da inteligência “[...] incluiria a descrição e a explicação de como se constroem as operações intelectuais e as estruturas da inteligência, que [...]” gradativamente se elaboram pela própria necessidade da lógica (AZENHA, 2003, p. 42).

Cabe ressaltar que construtivismo não é um método, mas sim um processo, ou seja, um caminho a ser trilhado pelos alunos com a participação e o auxílio do professor.

[...] enquanto os conteúdos de ensino informam, métodos de ensino formam. Dos métodos ele aprende a ser livre ou submisso; seguro ou inseguro; disciplinado ou organizado; responsável ou irresponsável; competitivo ou cooperativo. Dependendo de sua metodologia, o professor pode contribuir para gerar uma consciência crítica ou uma memória fiel, uma visão universalista ou uma visão estreita e unilateral, uma sede de aprender e resolver problemas, ou uma angústia de aprender apenas para receber um prêmio e evitar um castigo (BORDENAVE & PEREIRA, 1993, p. 63).

Na concepção pedagógica da leitura-escrita, pressupõe-se que se deve aproveitar de uma postura questionadora diante do conhecimento já produzido e vivenciado, uma preocupação em identificar os fins a ser alcançado, o essencial a ser aprendido, aliada à necessidade de se ultrapassar a mera transmissão de informações, e se empenhar em um processo coletivo de produção, elaboração, apropriação e distribuição de um saber voltado para a compreensão e a transformação do universo da leitura e escrita.

CAPÍTULO 5

SUGESTÕES PARA DESENVOLVER A LEITURA E A ESCRITA

Para concluir minha pesquisa, apresento algumas atividades desenvolvidas com alguns alunos dentro da sala de aula, foram leituras de um texto, colagem, palavras cruzadas, caça-palavras, entre outras, sobre o texto e sua interpretação.

As crianças são colocadas sentadas em duplas, com atividades individuais e são distribuídos os materiais para colagem e pintura, têm a liberdade de troca, um colega tira a dúvida do outro com auxílio da professora que por sua vez circula por toda a sala de aula.

NASCER SABENDO

Ronaldo Simões Coelho

Pois não é que é fácil pular corda?

Eu ficava olhando as outras crianças e pensava que tinham nascido sabendo tudo: nadar, pular corda, escrever, ler, dançar.

Acho que sou uma boboca, nariz de pipoca!

Quando eu nasci, não sabia andar, não é? Só que era pequenina e não ligava.

Depois que é que fiquei assim. Se não sabia uma coisa, pensava que era defeito meu.

Um dia, eu estava pelejando para abotoar a blusa e consegui.

Mamãe perguntou quem tinha me ajudado.

Quando eu falei “vesti sozinha”, ela fez uma cara ótima.

Papai fez uma cara igual, quando lhe pedi que batesse corda para mim.

É que há poucos dias eu não sabia pular corda e, depois de tanto errar, agora acertando tudo, até mais de trinta vezes.

É bom a gente não nascer sabendo. Como é gostoso aprender! Andar de bicicleta, nadar, tudo!

Outro dia, aconteceu uma coisa engraçada. Há uma porção de livros aqui em casa. De uns eu gosto mais, de outros eu gosto menos.

Dos que eu gosto, estou sempre pedindo pro papai e pra mamãe lerem pra mim.

Pois nesse dia eu é que i pra eles.

Vocês precisavam ver a cara deles!

Eu cheguei a bater palmas.

Sabem o que estou pensando? Mamãe é boboca e papai, nariz de pipoca.

(NASCER SABENDO, SÃO PAULO, FTD, 1990.)

O TEXTO E VOCÊ

1. Usando palavras do quadro, complete os espaços de acordo com o texto.

dançar – ler – pular corda – vestir-se – nadar – andar de bicicleta - andar

A menina foi aprendendo muitas coisas:

a. Quando ela era pequenininha, aprendeu a _____

b. Mais tarde, ela aprendeu a _____

c. De tanto errar, a menina conseguiu aprender a _____

d. Os pais sempre liam para ela. Um dia ela conseguiu _____

2- “Um dia, eu estava pelejando para abotoar a blusa e consegui”.

a. O que você acha que quer dizer pelejando nesse trecho?

b. Agora, procure o significado de pelejar no dicionário

c. Escolha um dos significados de pelejar e escreva uma frase com ele.

3. Você já pelejou para fazer alguma coisa?

a. O que?

b. Faça um desenho mostrando como foi.

CONHECENDO A NOSSA LÍNGUA

1. Complete os espaços abaixo, retirando do texto palavras que comecem com:

A	N
B	O
C	P
D	Q
E	R
F	S
G	T
H	U
I	V
J	X
L	Z
M	

2. Complete o alfabeto com as letras que faltam:

A		C	D	E		G	H		J	L	
N		P		R	S	T		V	X	Z	

3. Circule no texto, todas as palavras que estão escritas com letra maiúscula.

Depois, responda as questões abaixo:

a. Todos os nomes de lugares aparecem escritos com letra:
minúscula () maiúscula ()

b. Em início de frases, as palavras são escritas com letra:
minúscula () maiúscula ()

4. Passe um traço embaixo dos nomes de pessoas:

a. Minha prima Rosa voltou do sítio ontem.

b. Esta roseira dá rosas vermelhas.

c. Ganhei margaridas no meu aniversário.

d. Margarida está com gripe. Não virá à aula hoje.

5. Agora escreva seu nome

6. Separe em sílabas as palavras abaixo:

a. dentro _____

b. Copacabana _____

c. Cava _____

d. fortes _____

e. descansar _____

f. entender _____

REDAÇÃO

Apresentar o texto:

AS BORBOLETAS

(Vinicius de Moraes)

Branças

Azuis

Amarelas

E pretas

Brincam

Na luz

As belas borboletas.

Borboletas brancas

São alegres e francas.

Borboletas azuis

Gostam muito de luz.

As amarelinhas

São tão bonitinhas!

E as pretas, então...

Oh! Que escuridão.

A partir do texto, as crianças deverão substituir a borboleta por outro animal e criar seu próprio texto.

Pedir que as crianças façam a leitura de seus textos.

CONCLUSÃO

Esse estudo alerta-nos para que tenhamos consciência de que a leitura e a escrita, quando exercitadas corretamente, possuem vasta função social e acreditamos ser necessário abordar aspectos que ajudam e dificultam o ato de ler de forma eficaz fazendo um comparativo entre as causas e as conseqüências de uma leitura passiva, nociva aos leitores, em geral, mas de conformidade com os anseios das classes dominantes.

Nossas crianças são muito receptivas à novidade e nem por isso devemos deixar os livros em segundo plano, pois os textos estimulam a imaginação, provocando reflexões pessoais, favorecendo a meditação, enriquecendo o vocabulário.

A reflexão sobre a importância da leitura para formação do indivíduo é de suma importância nos dias de hoje. Nesta reflexão é primordial analisar os fatores que impedem e apresentam caminhos de renovação e qualificação.

A leitura teve um papel social de grande interferência na sociedade e a isso se deve sua evolução, pois diante dos problemas sociais, políticos e econômicos, acaba por levar seus leitores a outros mundos possíveis, podendo entreter-nos ao mesmo tempo em que favorece a reflexão sobre a realidade ou a fuga de dificuldade que enfrentamos em nosso cotidiano. Além disso, desperta sonhos, curiosidades e ativa a criatividade.

BIBLIOGRAFIA

ARGÜERO, Celia Díaz apud GROSSI, Gabriel Pillar. A organização do texto vale tanto quanto vírgula e ponto. Nova Escola, São Paulo: Abril, n. 225, set. 2009.

AZENHA, Maria das Graças. Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

BARTHES. O prazer do texto. Traduzido por Margarida Barahona, Lisboa: Edições 70 (Coleção Signos 5), 1974.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ática, 1995.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. Estratégias de ensino-aprendizagem. 13 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 2002.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e educação. Revista Educação e Sociedade. São Paulo: Cortez, jan. 1980.

COLELLO, S. Alfabetização em questão. São Paulo: Graal, 1995.

CONDEMARIN, Mabel; BLOMQUIST, Marlys. Dislexia: manual de leitura corretiva. Porto Alegre: Artes Médicas.

COSTA, Maria Júlia da Silva. Leitura: um prazer para sempre. Revista Educar: Fundação AMAE, p. 8, nº 339 de. Belo Horizonte, 2006.

COSTA, Marta Morais da. O professor e a leitura. Aprende Brasil: fev./mar., p. 8, São Paulo, 2006.

_____. Educação como prática da liberdade. 11º ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler, em três artigos que se completam. 5 ed. São Paulo: Associados, Cortez. 1984.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre. Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília. Reflexão sobre alfabetização. 24ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília *apud* AZENHA, Maria das Graças. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1992.

GERALDI, João Wanderley et al. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.

GURGEL, Thaís; BRENDA Tadeu. Escrever de verdade. Nova Escola, p. 54, nº 221, abr de 2009.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de Leitura, São Paulo. 5ª edição, 1997.

_____. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2000.

MACHADO, Raul José Moraes. Reconstruindo textos: cloze como técnica para aprender a ler, compreender e redigir. Revista do professor. ano XVI, n.61, p.16-20, jan. /Mar. Porto Alegre: 2000.

MARCURCH, Luiz Antonio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATIER, Rodrigo Ratier. Ler para escrever. Nova Escola, nº 221, p. 54. São Paulo: Abril, 2009.

NASPOLINE, Ana Tereza. Didática de Português: Tijolo por Tijolo: Leitura e Produção Escrita. São Paulo: FTD, 1996.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PIAGET, Jean; GARCIA, R. *Psicogênese e história das ciências*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

PRADO, M. E. B. B; FREIRE. *A formação em serviço visando a reconstrução da prática educacional*. In: FREIRE, VALENTE, A (orgs) *Aprendendo para a vida*. São Paulo: Cortez, 2001.

PINHEIRO, Edna Gomes. A renovação da biblioteca através do marketing. R. Comunicação Social. Fortaleza, v.18, n.1, p.23-42, Jan./jun., 1988./

RIBEIRO, Flávia. Peguenos a bordo. Revista nova Escola. Edição Especial, nº 18, p. 28. São Paulo: Abril, 2008.

ROCHEL, Luciene. Principais distúrbios da linguagem e da fala. Psicologia e Educação, 2009. Disponível em:<<http://psicologiaeducacao.wordpress.com/2009/05/24/principais-disturbios-da-linguagem-e-da-fala/>>. Acesso em: 10 out. 2010.

ROJO, Roxane (org.). A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN's. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

RUBACALBA, Monica. Escola: lugar privilegiado para o contato com os livros. Revista Nova Escola. ano XXV- nº 234. p. 49-50. São Paulo: Abril, ago. 2010

SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAM, Regina *apud* COSTA, Maria Júlia da Silva. Leitura: u prazer para sempre. Revista educar: Fundação AMAE, p. 8, no 339, Belo Horizonte, 2006.

SOARES, Magda Becker. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.

STANOVICH, K. E.; SIEGEL, L. Fenotípica: perfil de desempenho de crianças com dificuldades de leitura: Um teste de regressão baseados da Fonológica-Core variável-Diferença Modelo. Revista de Psicologia da Educação, nº 86, p.54.

TEBEROSKY, Ana. Aprender a ler e a Escrever uma Proposta Construtivista. Porto Alegre. Artmed. 2003.

TEBEROSKY, Ana. Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais. Traduzido por Cláudia Schilling. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZIBERMAN, Regina (org). et alli. Leitura em crise na escola: As alternativas do professor: Porto Alegre, RS: Mercado Aberto. 1982.